



Seara de Caridade do Caboclo Tupinambá

Torrance, 18 de dezembro de 2003

O Batizado

Texto escrito por Paulo Antônio Garcia sob inspiração e orientação do espírito Vovô do Congo. O texto foi apresentado pela primeira vez na jira de caboclos do dia 21 de Dezembro de 2003, quando vários médiuns da casa foram batizados pelo Caboclo Beira-Mar, em cerimônia da qual todos os médiuns da casa participaram.

No tempo de Jesus, a Palestina dividia-se em quatro províncias: a Itúéria, ao oriente do Rio Jordão; a Galiléia, cortando parte da Pérsia, ao norte; a famosa Samaria, ao centro; e a Judéia, ao sul. Existiam diferentes seitas de influência na região: os Fariseus (180 ou 200 A.C.); os Saduceus (248 A.C.); os Zelotes (70 a 117 A.C.); e os Essênios (150 A.C.). Sobre esses últimos, lemos em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”:

“Os Essênios ou Esseus—também seita judia fundada cerca do ano 150 antes de Jesus-Cristo, ao tempo dos macabeus, e cujos membros, habitando uma espécie de mosteiros, formavam entre si uma como associação moral e religiosa. Distinguiam-se pelos costumes brandos e austeras virtudes, ensinavam o amor a Deus e ao próximo, a imortalidade da alma, e acreditavam na ressurreição. Viviam no celibato, condenavam a escravidão e a guerra, punham em comunhão os seus bens e se entregavam à agricultura. Contrários aos saduceus sensuais, que negavam a imortalidade; aos fariseus de rígidas práticas exteriores e de virtude apenas aparentes, nunca os essênios tomaram parte nas querelas que dividiam aquelas duas outras seitas. Pelo gênero de vida que levavam, assemelhavam-se muito aos primeiros cristãos, e os princípios da moral que professavam induziram muitas pessoas a supor que Jesus, antes de dar começo à sua missão pública, lhes pertencera à comunidade. É certo que há de tê-la conhecido, mas nada prova que se lhe houvesse filiado, sendo, pois, hipotético tudo quanto a esse respeito se escreveu.”

No livro “O Redentor” (capítulo 13, “A Fraternidade Essênica”), Edgar Armond nos relata que João Batista era essênio, descrevendo parte de sua vida nas margens do alto Jordão.

Nos capítulos 16 e 17 do mesmo livro, lemos:

“E assim, batizando e pregando a penitência dos pecados e exortando o povo a purificar seus sentimentos, ia o profeta terrível, descendo o rio, do norte para o sul, até que parou em Betabara, no deserto da Judéia, à margem ocidental do Mar Morto. (...) Usava abluções essênicas

na forma de batismo, mergulhando as pessoas nas águas do rio, após promessa firme de arrependimento de erros passados e compromisso de vida mais reta e perfeita daí por diante, em honra ao Messias. (...)

João fazia-lhes um sermão sobre os erros, as inferioridades da conduta moral e as vantagens da purificação e advertia-os sobre a inutilidade do ato se não houvesse a intenção íntima da reforma moral; o batismo só teria valor se a intenção fosse transformada em atos.(...)

Quando, pois, Jesus chegou e disse que vinha ali para ser batizado, João retrucou que ele é que deveria ser batizado por Jesus; mas Jesus explicou que era preciso que assim fosse, para que as Escrituras recebessem integral cumprimento.”

Foi, assim, após o batismo, que Jesus seguiu para o deserto, dando início à sua missão.

Encontramos o batismo do Antigo Testamento usado pelos judeus como purificação. Paulo fala em I Co. 10:2 que todos foram batizados em Moisés, na nuvem e no mar, quando o Senhor Deus tirou os filhos de Israel do Egito, por meio de Moisés.

O Batismo se encontra como passagem iniciática em diferentes religiões¹:

O Catolicismo tem o batismo como porta de entrada para a religião, recebendo a criança ou o adulto o perdão dos pecados e a bênção do Divino Espírito Santo.

No Protestantismo, o batismo se dá em várias igrejas (Batistas, Luteranas, Presbiterianas, Petencostais, Neopetencostais etc) com o significado da aceitação de Jesus Cristo como o Salvador.

No Islamismo, os muçulmanos acreditam que a palavra de Deus deve ser a primeira coisa a ser ouvida por alguém após o nascimento; o pai deve dizer no ouvido do bebê o Azan, uma recitação com os fundamentos da religião.

No Judaísmo, quando nasce uma menina, o pai a nomeia em uma sinagoga, perante o Torah; no caso do nascimento de um menino, ele deve ser circuncidado perante dez homens, quando então recebe um nome.

No Budismo, a iniciação se dá em um ritual chamado “ordenação leiga”. Não existe a idéia de conversão, pois os budistas acreditam que a natureza de Buda (capacidade de atingir a iluminação) já existe dentro de todas as pessoas desde o nascimento.

No Candomblé, ao nascer, a criança é batizada no ritual *ekomojade*, que significa “dia de dar o nome”, integrando o Ser com suas forças originas (*axê*) na Terra (*aiê*).

Na Umbanda, se for da vontade dos pais, as crianças são batizadas por nossos queridos pretos-velhos e caboclos, simbolizando e atraindo as forças da Trindade Universal (o Pai, o Filho, e o Espírito Santo). Nessa ocasião, é pedido que se desenvolvam todas as virtudes de que somos herdeiros, que aproveitemos ao máximo a nossa passagem pela Terra e que Deus ilumine

¹ Parte as informações sobre diferentes religiões listadas abaixo foram extraídas de reportagem feita por Mariana Sgarioni para o jornal Folha de São Paulo (17 de dezembro, 2002).

o nosso *eledá* (anjo da guarda) para que ele sempre nos oriente perante as dificuldades da vida. Na Umbanda, o batizado é tido também como a primeira passagem iniciática do médium no templo. O ritual de batismo varia de acordo com a casa e com a necessidade do médium, podendo ser executado pelo pai-no-santo ou pelo guia chefe, que em nosso caso é o Caboclo Beira-Mar, a entidade responsável pelo batismo dos médiuns.

Quanto ao significado do batismo na Umbanda, nos fala o Vovô do Congo:

“Meus filhos, o batismo é a afirmação de propósitos perante Deus e ao trabalho ao qual o filho ou a filha se prontifica, trabalho esse que tem nas suas bases a caridade o amor ao próximo.

A vida, em todas as suas etapas, é um eterno convite à iniciação, dentro de nós, de nossa reforma íntima na busca do equilíbrio e da união com o nosso Deus-Pai, através da vivência do Amor Universal.

Como diria São João Batista, sincretizado com nosso pai Xangô Angajú, o batismo não tem utilidade se não houver a intenção íntima da reforma moral. O batismo só tem valor se a intenção for transformada em atos.

O batismo, meus filhos, é a união de fé que devemos reforçar não só no dia do ritual, mas em todos os momentos de nossas vidas, pedindo a Deus que nos abençoe e nos oriente em todos os nossos passos.”